

Nome: Larissa Drigo Agostinho

E-mail: larissa_drigo@yahoo.com.br

Instituição de Ensino: USP

Orientadora: Marilena Chauí

POR UMA HISTÓRIA MENOR: MARXISMO E PSICANÁLISE NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE HISTÓRIA DE DELEUZE E GUATTARI

Deleuze e Guattari tem uma maneira muito particular de pensar o marxismo e a psicanálise na construção de um conceito renovado de História, finalmente livre de toda teologia.

Desde as *Teses sobre a História* de Benjamin, sabemos que o materialismo histórico dialético não pode mais ser concebido como um fantoche que governa a História. Partindo desta premissa, de ruína do materialismo histórico e dialético, também diagnosticado por Merleau-Ponty em *As aventuras da dialética*, Deleuze e Guattari procuram pensar a História e sua dimensão fantasmática, para que possamos nos livrar de toda forma de teologia ou transcendência (ou representação, seja simbólica, seja imaginária), e analisar o poder não mais como dimensão vertical, como um, essência ou fundamento da vida social, mas como racionalidade (máquina abstrata), práticas discursivas e suas positivities (agenciamentos concretos).

É importante lembrar que a crítica à História benjaminiana se referia também a uma concepção de tempo. Benjamin dizia que “A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha.”¹

Ou seja, o problema em questão aqui, no que diz respeito, ao progresso histórico, ou ao atraso: é a noção de tempo. Para nos desvencilharmos de vez de uma certa ideia de progresso, de uma ideia qualquer que seja de progresso, é preciso que pretendamos repensar o tempo, reconstruí-lo. Essa é uma questão central em Deleuze desde *Diferença e repetição*.

¹ Benjamin, W. “Teses sobre o conceito da história”. In: *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 226, Tese 13.

Foi também Benjamin quem mostrou que a crítica do materialismo histórico e a crítica da ideia de progresso, (que move o fascismo), devem ser feitas a partir da crítica de uma noção de tempo que sustenta, tanto a teologia do materialismo histórico, quanto os ideais fascistas do progresso. O tempo não é um espaço vazio que deve ser preenchido por acontecimentos, ele não é o resultado do movimento histórico, ele o determina, é porque o tempo não é uma marcha contínua em espiral, mas uma sucessão de rupturas que interrompem o *continuum* da História que “A Grande Revolução introduziu um novo calendário”. Ou seja, existe filosofia da História e um conceito renovado de tempo, quando somos capazes de pretender reordenar o tempo, reinventá-lo. Recriar tempos, pensar o acontecimento. Questão central do pensamento deleuziano, sobretudo em *Lógica do sentido*.

Foi também Benjamin quem afirmara que “O historicismo se contenta em estabelecer um nexos causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a configuração, em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como um "agora" no qual se infiltraram estilhaços do messiânico.”²

Se o passado parece incapaz de enterrar seus mortos (contrariando os desígnios do velho Marx), não podemos, como o historiador benjaminiano, fundar um conceito de “agora” no qual se infiltram estilhaços do messiânico, porque não podemos captar a configuração em que uma época entra em contato com uma época anterior, não podemos simplesmente pensar uma época anterior “perfeitamente determinada”. Este passado que nunca enterra seus mortos, é difuso e presente apenas como fantasma, como um espectro, um espectro que alimenta nossa imaginação.

Fora também Benjamin quem afirmara que a imagem da felicidade “está indissoluvelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção.”³

² *Idem.*, p. 232.

³ *Idem.*, p. 222.

Se a felicidade não está toda aqui, e a salvação também não é um ideal abstrato e por vir, mas um desejo concreto, é porque o passado não é um indício misterioso que nos conduz inevitavelmente à salvação, mas um fantasma que assombra o presente, um morto que não pode ser enterrado. Este passado, livre de todo messianismo, imagem de um tempo de injustiça que tarda em não morrer é o que deveria ser esquecido, um passado que deveria ter ficado definitivamente para trás construído por um Deleuze nietzschiano, crítico do ressentimento.

Deleuze e Guattari se recusam a fazer uma História a partir da noção de “presente”. A História se tece nas relações entre os acontecimentos que formam cadeias que o historiador não pode mais ignorar, é preciso desfiá-las como as contas de um rosário, para que o “presente” não seja mais um “corte”, capaz apenas de pensar a configuração atual e uma única relação, a desta com a configuração imediatamente passada e determinada. A História não pode ser “determinada”, pois como dizia Borges “o tempo é como um rio que me arrebatava”. O tempo do acontecimento é o tempo do esquizofrênico: “o que acontece conosco e para onde isso vai nos levar?” Pensar a História é pensar continuidades, relações e rupturas, não uma forma única num tempo determinado. Nenhum fato histórico existe em si mesmo e por si mesmo, não porque ele requer interpretação, mas porque ele é o resultado de um processo, ou o objeto de um processo cuja racionalidade é a pura forma da contingência. O acontecimento é justamente este momento em que não sabemos o que devemos agarrar e o que devemos soltar. É um momento indecível.

Ora, o que era o messianismo benjaminiano senão o desejo de construção de um verdadeiro Estado de exceção. Esse verdadeiro estado de exceção, como o messias, está sempre a espera de uma fresta, de uma porta aberta. Ele está sempre presente, mas não como uma fatalidade “redentora” e fracassada ou subordinada e realista, mas como uma certeza de que todo momento é um corte móvel, todo momento é um possível histórico, e pode alçar a um *lugar* na História.

Deleuze busca pensar tanto a noção de acontecimento, no presente, não como fato histórico, trauma, luto, perda ou fracasso, mas como condição atual, quanto uma noção renovada de História. Afinal se o acontecimento é a forma pura do tempo (porque condensa em potência todo o passado e o futuro), o que é o passado? O passado pode ser o lugar do que morreu? Do que não é mais? Neste caso, ele se transforma em germe de uma situação atual de transformação, e a História vira um “construtivismo”. Mas se é assim o que são os “fatos” históricos? Os que podemos circunscrever no

passado, que tem começo, meio e fim? Como pensar o que significa sair da História? Em *Diferença e repetição* Deleuze pensa o passado em sua dimensão “imemorável”, do que não pode mais ser lembrado. Afinal, esta dimensão do tempo é a mesma das reminiscências platônicas, um tempo de gênese das Ideias.

Em *Anti-Édipo* o tempo e a História adquirem novas proporções. Trata-se aqui de pensar o passado como *fantasia* ou fantasma. Os fatos históricos são antes de qualquer coisa uma fantasia, porque estão presentes em nosso imaginário e determinam a vida social tanto quanto a realidade concreta.

O objetivo deste artigo seria explicar de que maneira Deleuze e Guattari concebem este conceito de História que começamos a esboçar, em relação ao marxismo e em relação à psicanálise. Demonstraremos de que maneira Deleuze e Guattari utilizam o “modo de produção asiático” como modelo, ao mesmo tempo, histórico e mítico da gênese do capitalismo. Em seguida analisaremos, o recurso deleuzo-guattariano à psicanálise para reconstruir a natureza dos delírios investidos na História e no socius. A relevância deste artigo consiste em demonstrar que Deleuze e Guattari tem um papel fundamental na construção e crítica de um conceito renovado de História, pós maio de 68, problema que é dos mais importantes da filosofia moderna, pós-revolução francesa, e que atravessou toda a crise e reconstrução do materialismo histórico e dialético. No entanto, o que distingue Deleuze e Guattari de seus contemporâneos, é que aqui a História não é mais pensada do ponto de vista único de seus agenciamentos concretos, mas de suas máquinas abstratas, de suas Ideias, de seus conceitos, mitos e fantasmas.